



MORDILLO[®]

FUTEBOL & CARTUNS



© Mordillo
© Oli Verlag N.V.
Esta edição foi publicada com a autorização de Rubinstein
Royalty Management B.V. Todos os direitos reservados.

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Projeto gráfico e capa
Mario Kanegae

Diretora comercial
Patty Pachas

Impressão
RR Donnelley

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais
Juliana Silva
Mayara dos Santos Freitas

Assistentes de arte
Carolina Ferreira
Mario Kanegae

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Mordillo
Mordillo: Futebol e cartuns / Mordillo. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books,
2015. 128 pp.

ISBN: 978-85-7888-410-9

1. Humorismo argentino. I. Título.

14-18475

CDD: 741.5
CDU: 741.5

2015

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

Visite também nossa página no Facebook.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma
sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é
crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

“No cinema, normalmente você sabe como vai terminar a história, por mais surpresas que tenha a trama. No futebol é diferente: até o último minuto de jogo, tudo pode acontecer. Isso é sensacional.”

Mordillo

PREFÁCIO

Tinha eu pouco mais de 18 anos quando bati os olhos pela primeira vez num desenho de Mordillo. Desde pequenininho era um viciado no humor dos cartunistas. Comecei gostando de Péricles e Carlos Estevão com o *Amigo da Onça*, depois me apaixonei pelo traço fino do Borjalo, nas páginas da *Cigarra*, e do Appe, nas páginas da *O Cruzeiro*.

Adolescente, a curtição era o traço rápido de um Henfil, de um Ziraldo, de um Nani, de um Jaguar no irreverente *Pasquim*. Na minha Belo Horizonte, a coqueluche era o Oldack Esteves, que todos os dias publicava uma charge no jornal *Estado de Minas*. Tudo em preto e branco, papel jornal, sempre em preto e branco.

Cor era com o anarquista Millôr em seu *Pif Paf*, com o Claudius e o sofisticado Juarez Machado na *Manchete*. Quando bati os olhos no desenho de Mordillo fiquei deveras impressionado. Foi na última página da *Ele Ela*, uma revista para ler a dois que os Bloch começaram a editar no final dos anos 1960. Meio picante, não era lá nenhuma *Playboy*, mas tinha um tempero erótico que não permitia que ficasse exposta à visita pública num salão de barbeiro qualquer da vida.

Confesso que chegava a esfregar o dedo indicador na última página da *Ele Ela* para tentar decifrar, tentar entender que técnica era aquela usada pelo argentino, filho de imigrantes espanhóis, que acabara de conhecer. Ecoline? Lápis de cor? Aquarela? Guache? Pastel? Como é que ele conseguia fazer um traço tão perfeito, tão redondo e impecavelmente colorido? Computador não havia para ninguém, era ali na prancheta e à mão que ele derramava seu talento e o seu humor elegante, silencioso, sutil, sem uma palavra sequer.

Desde pequenininho, na Buenos Aires onde nasceu, Guillermo Mordillo gostava de desenhar. Era desenhar e jogar futebol, duas paixões. Quando tornou-se maior de idade já estava ele ilustrando livros infantis e fazendo desenhos animados para a televisão e até para o cinema. Inquieto, foi morar um tempo no Peru e logo depois partiu para os Estados Unidos. Onde chegava tinha trabalho porque o talento sempre falava mais alto. De Nova York pulou para Paris, onde fez a festa. Publicou livros, fez dezenas de cartões-postais, calendários, pôsteres, enfim, espalhou sua obra pelos quatro cantos do mundo.

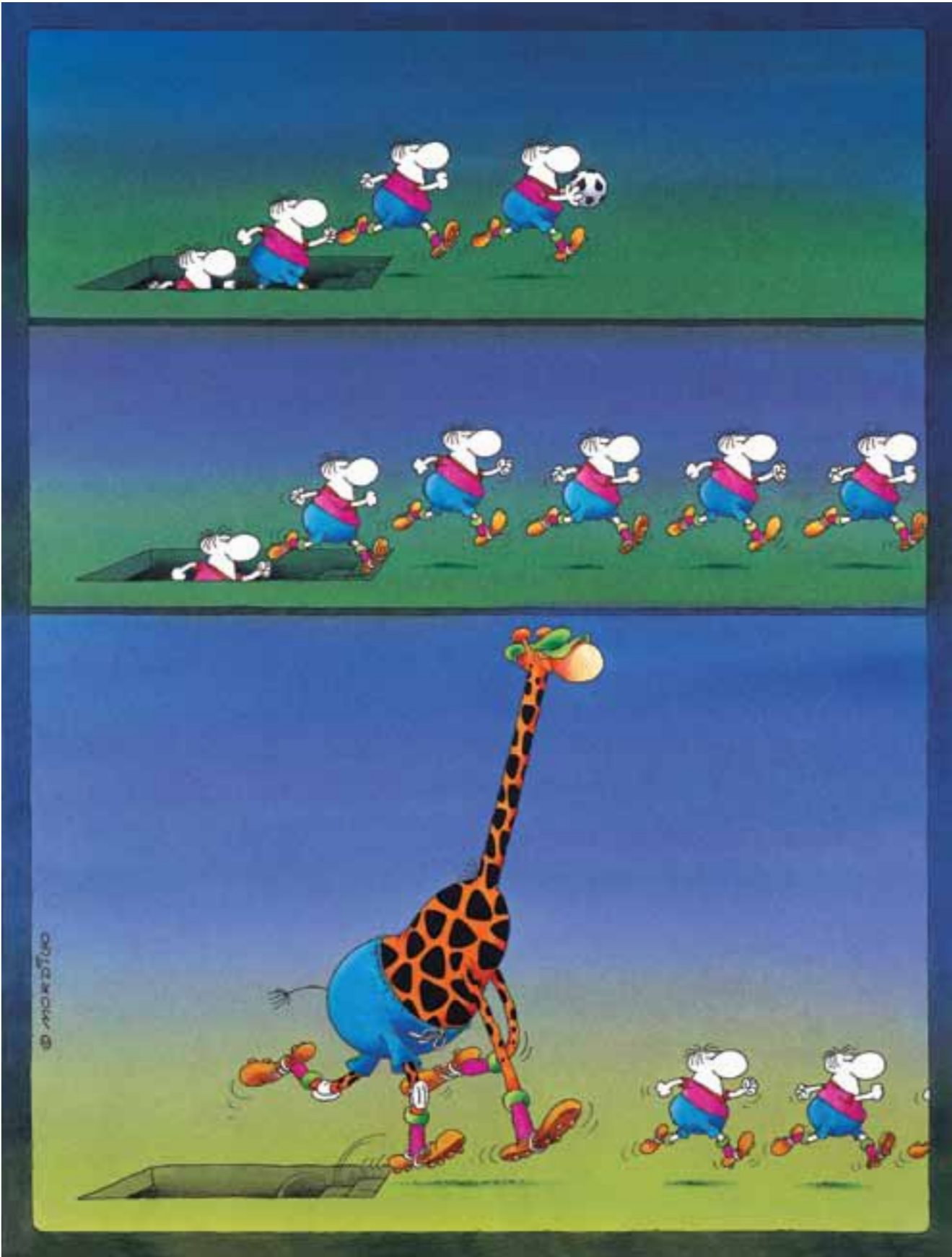
Mas não parou por aí. Mudou-se para Palma de Maiorca, na Espanha, e de lá continuou disparando seus desenhos para o mundo inteiro. Foi eleito presidente da International Association of Comics and Cartoons e, se tivesse um Oscar do cartum e do humor, a essa altura certamente seria um forte candidato.

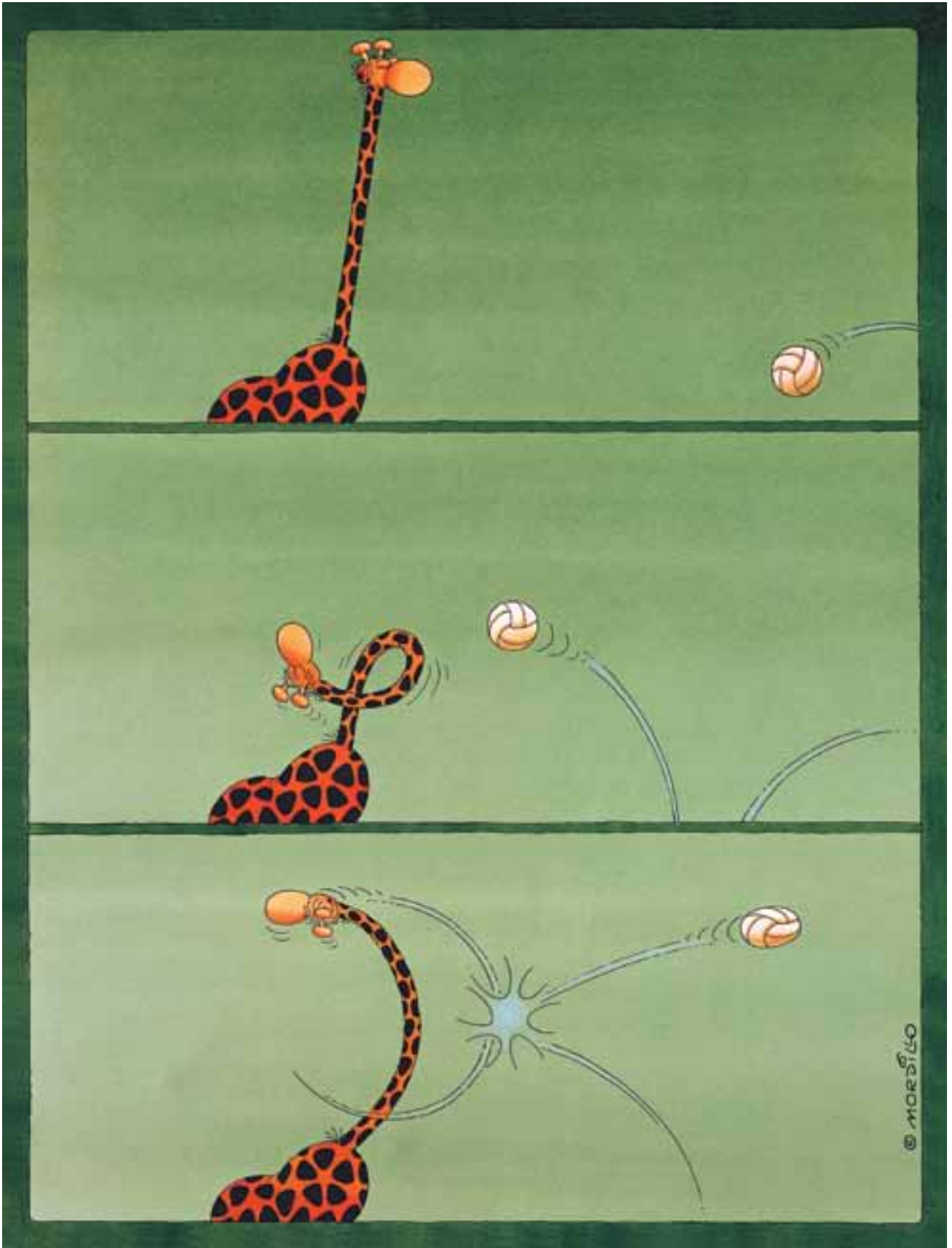
Seu traço inconfundível transformava qualquer bicho, qualquer monstrengo, num bichinho fofo. Fosse um elefante, fosse uma girafa, fosse uma vaca, um jacaré. Ou fosse até mesmo um baixinho narigudo. Os humanos, geralmente em preto e branco, estavam sempre em situações que desaguavam no humor. Não aquele humor de gargalhada, do riso fácil, mas o humor que faz pensar. Quem bate o olho num Mordillo sempre para, pensa e deduz: “Que sacada!”.

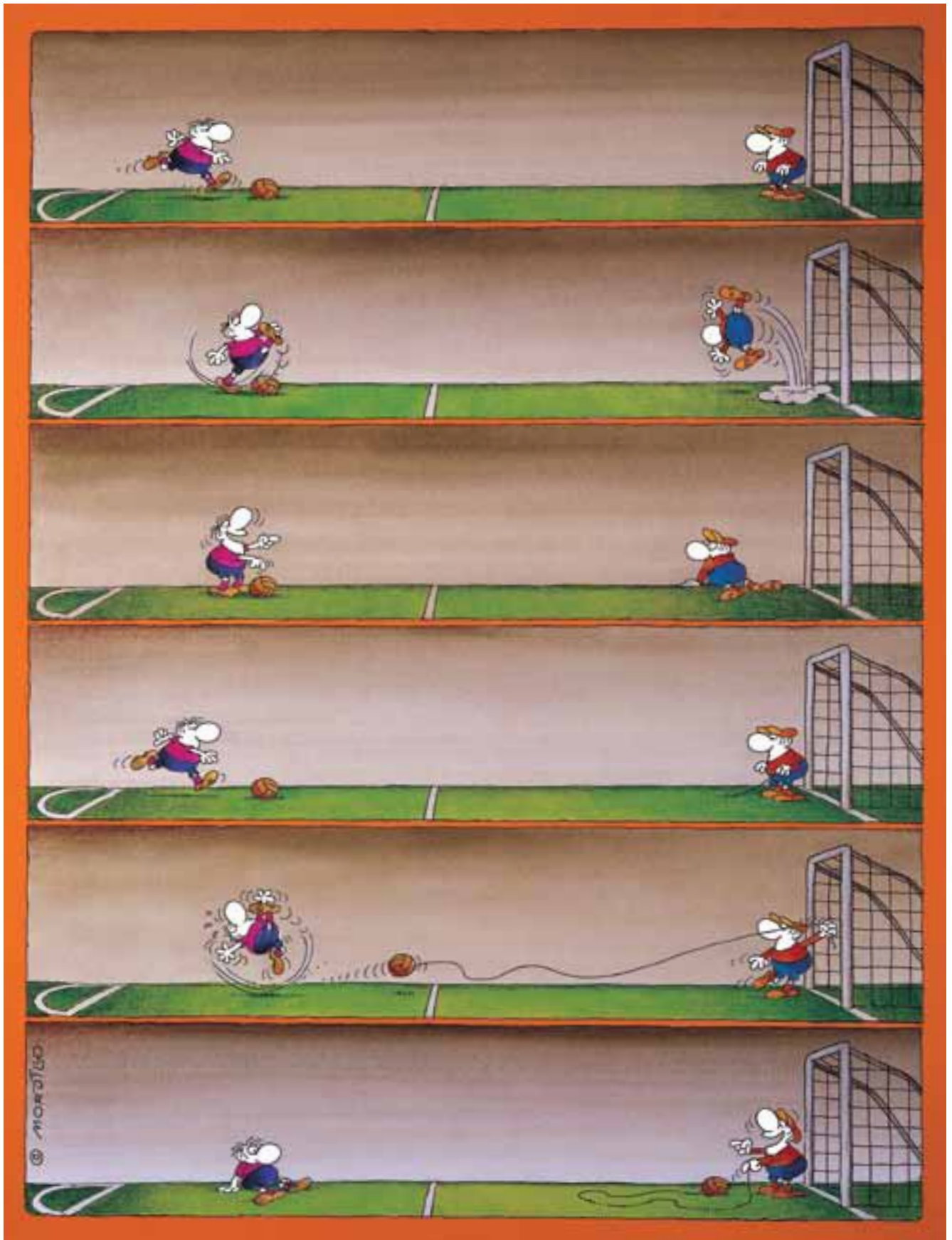
Mordillo é literalmente um mestre. Virou professor honorário de humor em 1997 e, em 2002, tornou-se catedrático de humor na Universidade de Alcalá de Henares, na Espanha.

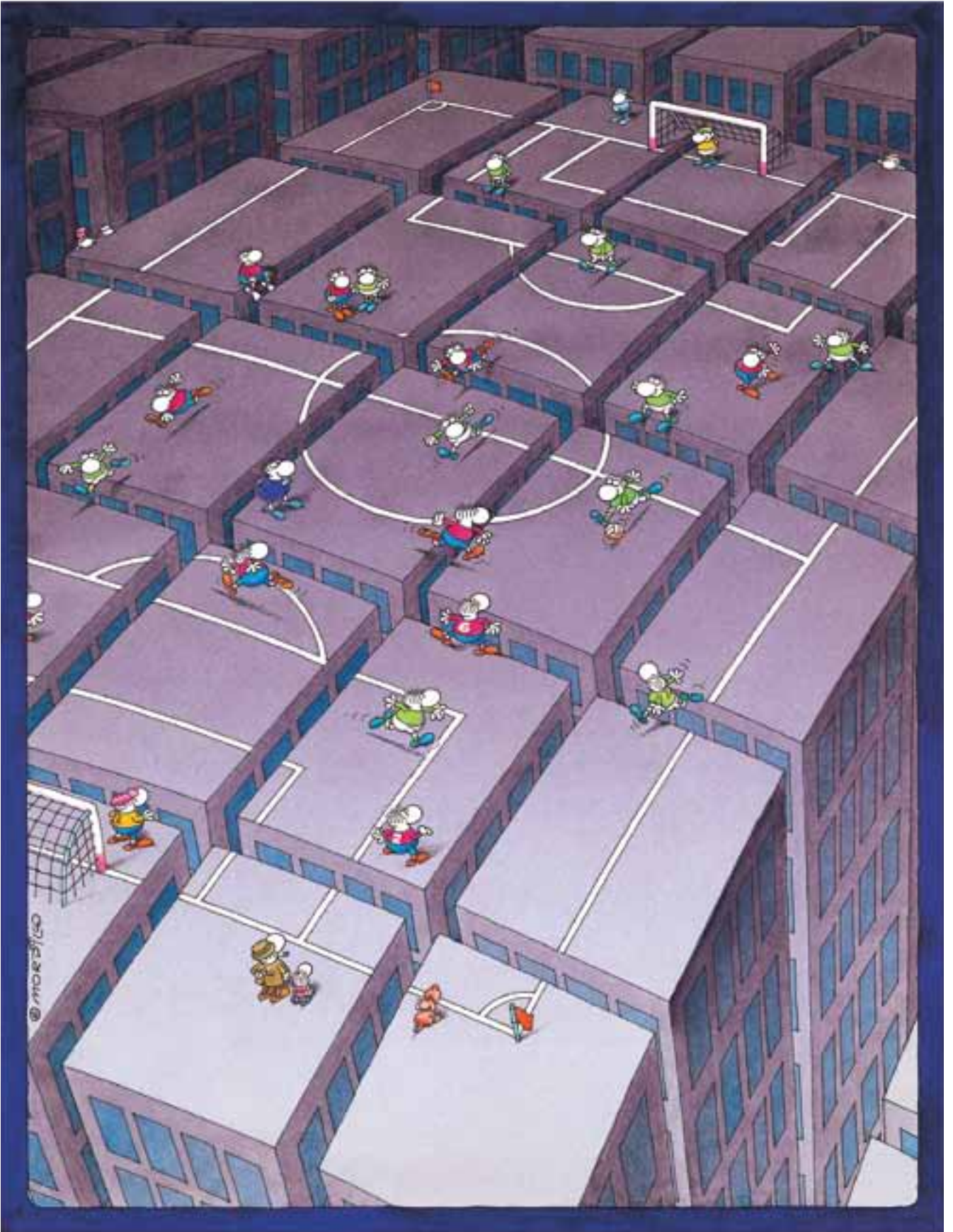
Aqui neste belíssimo livro ele entra em campo de corpo e alma. Está à vontade correndo pra lá e pra cá, jogando em todas as posições. Com Mordillo não tem zero a zero, nenhum temor — nem mesmo na hora do pênalti. Mordillo só dá bola dentro.

Alberto Villas









© MORIS/USO